

Pedro Alcântara da Silva
Filipe Carreira da Silva

Introdução

Manuel Villaverde Cabral, em homenagem a quem organizamos esta colectânea de ensaios, é um homem singular pelo caminho que vem trilhando desde o final dos anos 50 do século passado no panorama intelectual e académico português. A sua nobreza de carácter e a sua proverbial generosidade – que, um dia, Eduardo Prado Coelho descreveu certamente como sendo um «perdulário de boas ideias» – só vêm reforçar esta singularidade. A influência e o impacto da sua presença nas salas de aula, nas revistas e editoras académicas de referência, na comunicação social escrita, radiofónica e televisiva, bem como em revistas de índole política (foi, por exemplo, um dos fundadores dos *Cadernos de Circunstância*, publicados no exílio entre 1967 e 1970) e cultural (*Imagem*, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, *Jornal de Letras e Artes*, *Távola Redonda*, entre outros), são tão multifacetados quanto consistentes: é sempre o mesmo Manuel Villaverde Cabral, com apurado sentido crítico e realista, nunca cínico ou derrotista, que vemos intervir no campo das artes e das letras, da política e das ciências sociais, capaz de combinar lucidez e experiência como poucos. Manuel Villaverde Cabral é um homem de cultura, um humanista, além de ter sido um militante político. Mas é também um homem de ciência, admirador confesso das ciências naturais e adepto das potencialidades heurísticas das metodologias quantitativas em ciências sociais. É esta combinação invulgar de interesses e competências que não só faz de Manuel Villaverde Cabral um personagem único na academia portuguesa, como justifica plenamente o empreendimento de juntar num só volume 30 ensaios em sua homenagem.

Nascido nos Açores em 1940, conclui o Curso Geral dos Liceus em Lisboa em 1957, tendo ingressado no mesmo ano na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa para cursar arquitectura. A sua passagem por Belas-Artes é, porém, fugaz. Logo em 1958, ano em que publica o seu primeiro artigo (na página de cinema do *Diário de Lisboa*), abandona o curso de Arquitectura e inicia uma vida profissional ligada sobretudo ao meio edito-

rial, com passagem pelas Publicações Europa-América e a Editora Ulisseia. Figura activa da resistência ao regime ditatorial então vigente em Portugal, Manuel Villaverde Cabral vê-se obrigado a exilar-se em Paris em Novembro de 1963. Continuando a exercer diversas funções profissionais nos meios editoriais (quadro, tradutor, consultor, etc.) e um intenso activismo político, retoma os estudos universitários em 1965-1966; em 1968, licencia-se em Letras (Lettres Modernes) pela Universidade de Paris, e 11 anos mais tarde, em 1979, é-lhe concedido o grau de doutor em História pela École des Hautes Études en Sciences Sociales-Université Paris I, com uma tese intitulada *Le Portugal de 1890 à 1914: Forces Sociales, Croissance Économique et Pouvoir Politique*, sob orientação do Professor Pierre Vilar.

Com o 25 de Abril de 1974, Villaverde Cabral regressa a Lisboa, tomando de imediato contacto com o meio académico português. Ao dar as primeiras aulas e depois da sua primeira publicação académica, sente que era isso o que sempre quisera fazer. Nesse mesmo ano, inicia assim a sua carreira universitária como assistente no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), onde começa por leccionar História Económica e Social de Portugal Contemporâneo (séculos XIX e XX), passando em 1979, quando terminou a sua *Research Fellowship* em St. Antony's College, Oxford (1976-1979), a dedicar-se ao ensino de Sociologia Rural, agora como professor auxiliar no ISCTE onde ficou até 1986. Entretanto, no final de 1975 associara-se como investigador no Gabinete de Investigações Sociais (GIS), mais tarde extinto em 1982 para dar lugar ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Ainda durante o «Processo Revolucionário em Curso» (PREC), deixa a militância política, abraçando assim a sua vocação e dedicando-se em exclusivo à profissão de investigador. Excepção feita a um breve período nos meados da década de 80, em que participou na fundação do Clube da Esquerda Liberal e da revista *Risco*. A relação entre vocação e profissão tem sido aliás objecto de reflexão e foi o tema principal da sua *Oração de Sapiência*, em 2007, na abertura do ano académico na Universidade de Lisboa, publicada posteriormente no volume colectivo comemorativo dos 25 anos do ICS (Cabral, 2008).

É no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (e ex-GIS), a sua casa de sempre, que desenvolve grande parte da sua produção científica. Uma das mais proeminentes figuras deste prestigiado instituto, através do desempenho de diversos cargos académicos, contribui para o seu desenvolvimento e consolidação, tendo sido presidente do Conselho Directivo (2007-2009) e presidente do Conselho Científico (1991-1997 e 2004-2007). Foi ainda vice-reitor da Universidade de Lisboa para a Ciência

e Investigação entre 1998 e 2002, e em 2009 e 2010. Este longo percurso na universidade apenas foi interrompido por uma vez aquando do convite para assumir o lugar de director da Biblioteca Nacional de 1985 a 1990.

Entretanto, a par de outras colaborações em universidades portuguesas, sucedem-se as posições de docência e investigação no estrangeiro, entre as quais se destaca a permanência em Oxford, tendo sido, mais tarde, professor visitante na Universidade de Wisconsin-Madison (Outono, 1986), na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, Primavera 1990) e no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – Universidade Cândido Mendes (Primavera-Verão, 2003), assim como titular da cátedra de História de Portugal no King's College da Universidade de Londres entre 1992 e 1995.

Investigador emérito do Instituto de Ciências Sociais desde 2010, aceita o desafio de ajudar a fundar e dirigir o Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa, expressão institucional de um dos temas de pesquisa em que vem trabalhando nos últimos anos. O reconhecimento do envelhecimento da população como um dos principais problemas da nossa sociedade, aliado a uma linha de investigação que vem desenvolvendo na última década sobre o sistema de saúde e os cuidados médicos (*e. g.*, Cabral e Silva 2009 e 2010; Cabral, Silva e Mendes 2002), tem levado Villaverde Cabral a manter actualmente uma intensa actividade científica, coordenando estudos e realizando inúmeras conferências sobre essa problemática (*e. g.*, Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo e Marques 2013). Ainda que centrais hoje em dia, não devemos perder de vista que a saúde e o envelhecimento são igualmente interesses recentes de alguém cujo percurso teve início nas humanidades, incluindo o cinema, a literatura e mais tarde as artes plásticas, para se focar na história (*e. g.*, Cabral 1974, 1976 e 1977; Cabral 1979) e depois na filosofia política (é um dos principais conhecedores das obras de autores como John Rawls, Norman Daniels, Niklas Luhman e Robert Putnam, que aplicou em muitos dos seus estudos sociológicos sobre o exercício dos direitos de cidadania, o Estado-Providência e a saúde), vindo a passar pela ciência política empírica, com particular ênfase na problemática da cidade e cidadania (*e. g.*, Cabral 1997; Cabral, Silva e Saraiva 2008) e na análise quantitativa comparada de valores como a religião e as desigualdades sociais (*e. g.*, Cabral, Pais e Vala 2001; Cabral, Vala e Freire 2000; Cabral, Vala e Freire 2003).

Com efeito, composta por três dezenas de livros e perto de uma centena de artigos, ensaios e capítulos de livros científicos, assim como muitas centenas de artigos de jornal, a sua obra é transversal às ciências sociais – história, sociologia e ciência política – e o conjunto dos seus temas de

escrita passa pela arte, pela literatura, pelo cinema e pela vida política. Foi esta multiplicidade de áreas de interesse e actuação ao longo da vida académica de Villaverde Cabral, bem como a sua entrada na profissão e percurso académico, que se procurou abordar neste livro colectivo de homenagem, fazendo assim jus ao título escolhido, *Ciências Sociais: Profissão e Vocação*.

A colectânea de textos que aqui se apresenta conta com um misto de contribuições de investigadores consagrados e amigos de longa data, com quem Villaverde Cabral dialogou e debateu ideias com mútuas influências nas suas obras, e de investigadores de gerações mais recentes, a maioria seus orientandos e ex-alunos, que com ele aprenderam e puderam usufruir da sua enorme generosidade e disponibilidade de acompanhamento, bem como do rigor científico que impõe a qualquer escrito que lhe seja dado a ler.¹

O livro encontra-se assim dividido em quatro partes fundamentais que organizam as três dezenas de textos que passamos apenas a elencar: a primeira inicia-se com um capítulo de carácter biográfico, da autoria de Guya Accornero, assente numa entrevista a Villaverde Cabral, que constrói o seu percurso de vida desde a militância política ao interesse pelo ensino e pela investigação intitulado, precisamente, «Da militância política à investigação científica: história de uma vocação», seguindo-se um texto de João Freire, «Manuel Villaverde Cabral: entre o saber e a acção», onde, para além da celebração de uma amizade de mais de 40 anos, descreve o seu universo de pensamento e, em traços gerais, a diversidade de interesses e trajectória académica. Juntamente com os textos de Yann Moulier Boutang, «Le passeur intranquille»; de Teresa Patrício Gouveia, «Manuel Villaverde Cabral: o livro e a leitura em Portugal», e de Richard Robinson, com um apontamento pessoal sobre como travaram conhecimento e a influência no seu trabalho, este conjunto de escritos constitui-se como uma abertura à vida e obra de Villaverde Cabral, o que nos dispensou de realizar uma introdução mais aprofundada ao nosso homenageado sob pena de repetir factos e conteúdos.

Na segunda parte, dá-se início às contribuições de capítulos de diverso cariz disciplinar, onde podem ser encontradas amplas referências ao trabalho de Villaverde Cabral aplicadas aos diferentes contextos e objectos

¹ Este livro surge no seguimento do colóquio de homenagem «Manuel Villaverde Cabral: O Nascimento e Consolidação das Ciências Sociais em Portugal», ocorrido a 27 de Setembro de 2010, que contou com a participação de muitos dos autores que contribuem agora com textos para esta obra.

em análise. Dedicada à história e humanidades, nesta parte podem ser encontrados textos de autores como Eduardo Cintra Torres, que analisa o conceito de multidão em «A multidão medieval e moderna: representações políticas em Fernão Lopes e D. Francisco Manuel de Melo»; Rui Graça Feijó, que escreve sobre «Vocabulário heráldico e gramática social: as cartas de brasão modernas como retrato das elites portuguesas de finais da monarquia constitucional»; Filipa Freitas, que se debruça sobre um período histórico particularmente estudado por Villaverde Cabral em «Jeunesses syndicalistes: violence et action directe dans les années 20»; Steffen Dix e José Barreto sobre Fernando Pessoa, em «Um sociólogo obliquo: a função social da religião e da arte e as reflexões políticas em Fernando Pessoa»; Fernando Medeiros que escreve sobre os *Cadernos de Circunstância* e o contexto social e político em que surgiu em «Genèse et projet des *Cadernos de Circunstância*»; Antonio Negri sobre a evolução do panorama intelectual e político italiano em «Una rottura italiana: produzione *versus* sviluppo»; José Medeiros Ferreira, que reflecte sobre «A Universidade e a crise do pensamento crítico»; Hermínio Martins sobre «O *homo mercator* e o princípio de electividade: limites do mercado, limites do liberalismo»; Salvador Giner a respeito da modernização da Europa Meridional («La modernización de la Europa Meridional – una interpretación sociológica»); José Machado Pais acerca do lugar da *casa* nas relações sociais dos transmontanos em «Das casas de família às casas de alterne: em Trás-os-Montes com Manuel Villaverde Cabral»; e, por fim, José Gil sobre a operatividade de um conceito que designou por «surgimento do ‘acaso’» em «O corpo-espelho-de-forças e o acaso».

A terceira parte é dedicada a outra área fundamental da carreira de Villaverde Cabral, a ciência política. No primeiro ensaio deste conjunto de textos, «Manuel Villaverde Cabral e os casulos do conhecimento político», Renato Lessa analisa precisamente a contribuição precursora de Villaverde Cabral para pensar e configurar as perspectivas do conhecimento da ciência política em Portugal e no Brasil; seguidamente, Philippe Schmitter escreve sobre «The impact of ‘real-existing’ democracy – on the European Union and Central & South Eastern Europe»; enquanto Leonardo Morlino discute o legado dos regimes autoritários nas democracias contemporâneas em «Do authoritarian legacies account for quality of democracy? Additional remarks on Southern Europe»; Robert Fishman a inclusão política em Portugal e Espanha em «The Iberian divergence in political inclusion»; e Roger Jowell e Alison Park a participação política dos jovens em «British young people and politics: a disengaged generation?»; Pedro Magalhães analisa as atitudes políticas pe-

rante a política em «Legitimacy, disaffection, and dissatisfaction: trends and structure in attitudes towards Portuguese democratic politics», e Diego Palacios Cerezales a rela o entre o poder político e a cultura cívica em « Despotismo administrativo o Estado débil? Pol c a, fiscalidad y sus efectos en la cultura cívica portuguesa». Os três capítulos finais enquadram-se, em traços gerais, na esteira de estudos que Villaverde Cabral desenvolveu sobre cidade e cidadania, contando-se com as contribui es de M nica Brito Vieira e Filipe Carreira da Silva em «Cidadania trans-escalar: o Estado, a cidade global e o cidadão»; de Luiz Cesar Queiroz Ribeiro e Filipe Sousa Corrêa em «Cultura política, cidadania e representa o na *urbs* sem *civitas*: a metrópole do Rio de Janeiro»; e de José Neves em «Arquitectura, massifica o e democracia: notas sobre um est dio de futebol».

Finalmente, a última parte   dedicada às duas áreas de investiga o mais recentes de Villaverde Cabral: a saúde e o envelhecimento. Conta com os ensaios de João Lobo Antunes, «O consolo das humanidades», a respeito da importância e virtudes da cultura das humanidades na prática da medicina; de Leonor Parreira «*Consilience*», sobre a complementaridade das ciências; de Sofia Aboim sobre a velhice e o envelhecimento, em «Ser velho: percep es e dimensões do envelhecimento»; e de Pedro Moura Ferreira que reflecte sobre a g nese e defini o do envelhecimento activo em «Sociedade: algumas questões em torno do conhecimento activo».

  uma enorme honra para os organizadores deste livro poder prestar este tributo a uma personalidade tão marcante da vida social e acad mica em Portugal, e com a iniciativa agradecer têm bem pessoalmente o que muito com ele aprendemos ao longo dos anos, assim como a sua inestimável amizade. Fazendo nossas as palavras justas e concludentes com que João Freire termina o seu contributo para este livro, «sem Manuel Villaverde Cabral, as ciências sociais não seriam a mesma coisa que são hoje em Portugal».

Por fim, cumpre-nos, como não podia deixar de ser, expressar os nossos sinceros agradecimentos a todos os autores que se associaram a esta homenagem. Sem a sua generosidade e vontade de prestar têm bem esse reconhecimento a Manuel Villaverde Cabral, este livro não teria sido possível. Para além do tributo que lhe pretendemos prestar, a excelência dos autores, a qualidade dos textos e a importância dos temas abordados são, em si mesmos, uma magnífica contribui o para as ciências sociais. A todos, sem excep o, o nosso muito obrigado.